

- POSSO COMEÇAR?
- Começar o quê?
- A minha história. Queria que o senhor me ouvisse.
- Conheço bem a história. Estive lá. Reconheci os corpos.
- O senhor não conhece a *minha* história.
- Vai negar? Vai dizer que não matou?
- Não.
- Então conheço a história.
- Mas pra me defender...
- Já te disse: não posso, não vou ser teu advogado.

Estou envolvido.

- Envolvido? Envolvido como, com quem?
- Ele era meu irmão, porra!
- Ele era meu pai.

OS CAMPOS de Uruguaiana (não os conheço, nunca estive lá) mesmo a esta hora ainda guardam uma clareza que não vem da lua – pois aqui há nuvens, e também lá, suponho: é a clareza do campo aberto, onde não há o que ou onde se esconder, apenas uma obscuridade uniforme e chapada como a própria luz, lá longe aquele horizonte inabarcável que aprisionava Dyonelio Machado, e, entre nós e o horizonte, formas vagas, pontos mais escuros destacando-se da indistinção de tudo, uma árvore, um moirão carcomido, cercas farpadas, um cupinzeiro descomunal, uma pequena colina, e bois, bois, bois. Será uma noite fresca – sei que é janeiro, mas a quero assim, fresca –, um frescor que carrega para os pulmões e para a alma o cheiro imemorial do pampa. A ruminação incessante. Restos de rês carneada e mate. Decomposições vegetais. E o odor épico da bosta de vaca.

O couro é matéria desmemoriada: não há resquício do pampa no fedor de curtume que empesta Estância Velha.

NÃO TÍNHAMOS, ao contrário de Augusto dos Anjos, catedrais em nosso coração: nosso vandalismo era prosaico e preciso, a pedra, o poste, a lâmina, a parábola ascendente perfeita, o barulho estimulante dos cacos chovendo sobre a rua, e a correria desabalada, nos viram desta vez, merda, nos viram. Não nos pegaram, nunca pegavam, e fazíamos de novo e não sabíamos por que mas era divertido quando não havia mais nada para balançar o tédio ou quando o cheiro forte nos açulava como feras, a raiva de perder a adolescência, a raiva de Estância Velha, a raiva burra, e não era nada, sei bem que nunca dissemos nada, não queríamos dizer nada, mas hoje eu vou fazer disso metáfora, porque o dever do escritor é este: instaurar a escuridão, a escuridão de onde viemos – becos de ratos, recessos sob pontes e viadutos, lençóis polutos, mesas de fundo na fumaça do bar, armários da infância, porões na casa da avó morta, umidade dos matos, cavernas do pensamento e musgos do útero, bueiros e bocetas –, a escuridão que somos – ladrões do fogo, homens de areia, bocas de inferno e cárie, cirurgiões de mão trêmula, torturadores compulsivos, bêbados infecciosos, judeus errantes, evangelistas da mediocridade, legisladores em causa própria, estupradores e plagiários.

O mundo vive sob a brutalidade do sol. O dever do escritor é apagar lâmpadas.